

## O conceito de temporalidade em Piera Aulagnier<sup>1</sup>

Denise Martinez Souza<sup>2</sup>

### Resumo

Este trabalho foi produzido a partir de um convite de participar de uma mesa onde o tema proposto era pensar o conceito de temporalidade na obra de autores contemporâneos como Lacan e Maldivski, entre outros, cabendo a mim pensá-lo a partir da obra de Piera Aulagnier, na Jornada da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul que tratava da “Temporalidade: a figura narcisista e a transmissão psíquica entre gerações. Parti da idéia de que a teoria da autora em questão, é toda ela permeada pelo conceito de temporalidade, já que os três processos de constituição do aparelho psíquico originário, primário e secundário são marcados por tempos, onde o ego é um historiador que tenta buscar a ontogênese de um desejo que o constitui num tempo antecipado e prévio a sua própria existência. Os conceitos de pictograma, antecipação, violência primária, sombra falada e projeto identificatório são abordados pela perspectiva da temporalidade.

**Palavras-chave:** Temporalidade. Antecipação. Originário. Violência primária. Sombra falada.

*La tarea de yo es tornarse capaz de pensar su propia temporalidad; para ello le hace falta pensar, anticipar, catectizar un espacio-tiempo futuro, cuando la experiencia de lo vivido le revele bastante rápidamente que al obrar así catectiza no sólo algo imprevisible sino un tiempo que podría no tener que vivir.*

*Piera Aulagnier*

Há algum tempo fui convidada a participar de uma mesa que tratava de pensar a temporalidade tema com que me ocupo a muito e me coube pensá-lo na teoria de Piera Aulagnier. A tarefa desde o início agradou-me sobre maneira à medida que transito com razoável facilidade pelos conceitos da autora e por que não dizer, na maior parte do tempo identificada com o seu pensar, trazendo-me a possibilidade de refletir de forma mais profunda sobre a forma instigante e original que a autora trata da temporalidade. Cabe mencionar, entretanto, que não imaginara a dificuldade que encontraria para realizar meu ensejo, pois toda a obra de Piera Aulagnier é atravessada pelo conceito de temporalidade; ficando difícil elencar o que dizer sem cair na tentação de ser demasiado simplista, ou por outro lado, o que selecionar para ser fiel as principais idéias da autora, que por si só demandam muito o que falar.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Jornada Temporalidade: A figura narcisista e a transmissão psíquica entre gerações.

<sup>2</sup> Psicanalista, membro pleno e presidente do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre

A empreitada, que no início foi sentida como muito facilitada pela via da transferência positiva e pelo que pensava saber, foi me colocando mais e mais longe do saber suposto e mais próxima e consciente do meu estado de sujeito-suposto-ignorante, como diria Aulagnier. Piera nos diz:

Me inclinaria a comparar nuestra teoria con una história da ontogénesis del deseo [...] Si el yo puede ignorarlo todo sobre la acepción biológica del término, [...], no puede prescindir de un saber sobre su 'ontogénesis psíquica' o, [...], sobre su propia história libidinal e identificatória. Es una necesidad de su funcionamiento situar-se y anclar em uma história que sustituye um tiempo vivido-perdido por la version que el sujeto se procura merced a reconstrucción de las causas que lo hicieron ser, que dan razón de su presente y hacen pensable e investible um eventual futuro. (AULAGNIER, 1984, p. 15).

Ressalta sempre, desde seus primeiros escritos, a função do Eu (*Je*) como construtor que jamais descansa em sua função de historiador e inventor, se necessário, de uma história libidinal que dê conta das exigências de duas realidades: a do mundo externo e do mundo psíquico, em sua maior parte por ele ignorado. Se existe uma história a ser narrada por um Eu, existiu todo um trabalho que conseguiu dotar de significado, em uma versão que pareça oficial, aquilo que em princípio não poderia ser dito, nem comunicado, pois não pode ser lembrado nem nomeado pela memória, a não ser nas palavras de um outro.

Quando falamos em ontogênese falamos de origem e da necessidade de buscar a história do desejo, falamos de um tempo prévio que antecipa a história do sujeito, falamos de uma trama de histórias e de desejos, que provavelmente se perde e se encontra numa teia transgeracional.

Piera Aulagnier pensa um aparelho psíquico a partir de uma inter-relação permanente passado-futuro onde a origem de todo infans, já foi o futuro projetado do passado de um outro, marcado pelo passado vivido, por sua inserção no mundo, segundo o projeto identificatório diferenciado. Sobre isso coloca: "Origem. Creación de um doble curso temporal: en sus orígenes, nacimiento y comienzo, y em el futuro, el proyecto. Temporalización acompañada com la socialización de la psique, que le brinda un mundo cada vez más diferenciado y que la obliga a reconocerlo." (AULAGNIER, 2004, p. 33).

Retrocedamos então e tentemos pensar um provável começo, um ponto no tempo, num desejo, um desejo de filho que antecede no tempo e no espaço o desejo de ser mãe. Parece que tudo poderia começar aí, no lugar que a ideia de ter um filho da mãe e/ou do pai ocupará no psiquismo e a forma como poderá ou não ser substituído pelo desejo de ter um filho com um outro. Será que a história começaria aí? Pergunto isso porque o Ter é uma construção que

**Comentado [1]:** Não tem nenhuma referência da Aulagnier com essa data, seria a do Hornstein? Se for, essas palavras são da Piera citadas pelo Hornstein ou do próprio autor?

pressupõe uma trajetória já percorrida e, portanto faz parte de um tempo posterior. O Ter é precedido pela possibilidade de Ser, de ter sido garantida a existência, um tempo talvez sem memória e sem desejo a não ser o do Outro.

Mas partamos da ideia do "desejo de filho" e do conceito de "antecipação" que se caracteriza pelo espaço que a mãe-objeto confere ao bebê-sujeito para se constituir como tal. A mãe por pré-catequização determinará o espaço que o bebê ocupará e por antecipação prevê o lugar que ele como sujeito terá em seu grupo social no futuro, isso mesmo antes do nascimento.

Piera Aulagnier (1975) refere:

Precediendo em mucho al nacimiento del sujeto, hay un discurso preexistente que la concierne: especie de sombra hablante, tan pronto como el infans se encuentre presente, e la se proyectará, sobre su cuerpo y ocupará el lugar de aquel al que se dirige el discurso del portavoz. (AULAGNIER, 1975, p. 117).

No imaginário materno o bebê já ocupa um lugar investido e privilegiado onde devaneios antecipatórios de um futuro para ele ocorrem, onde uma aparência e um projeto de vida são sonhados conscientemente, impregnados da trama do inconsciente materno.

Podemos dizer então que existe um tempo primeiro que nos antecede bem como uma história de existência e de investimento libidinal prévio. Cabe ressaltar, portanto que o inconsciente materno, atravessado pelo Édipo, com toda a sua riqueza, suas fantasias, seu consciente, seu corpo e sua história participará como fundante do Eu e será a matriz do processo de construção identificatória. É importante referir que nessa construção simbólica as experiências somato-psíquicas antecedem o Eu e este precede ao Ego como instância organizada. Nessa relação diádica inaugura-se o Encontro, onde o corpo da mãe e sua sensorialidade conectam-se com o bebê, dando ao corpo deste e a sua sensorialidade uma dimensão espaço-temporal, marca de uma necessária e violenta interpretação, que caracteriza a "violência primária". Por violência primária a autora designa "[...] la acción mediante la cual se le impone a psique de outro una elección, um pensamiento o una acción motivados em el deseo del que lo impone, pero que se apouan en un objeto que corresponde par el outro a la categoria de lo necesario." (AULAGNIER, 1975, p. 36).

A mãe é um interprete que busca oferecer uma significação ao estado de necessidade ou de satisfação do infans, nomeando-a em seus diferentes matizes. O psiquismo da mãe pleno de representações se encontra com o psiquismo do bebe num estado de defasagem, onde o efeito antecipatório da resposta materna se apresenta como uma violenta imposição, já que a resposta da mãe antecipa a resposta do bebe e é formulada pela mãe por ele.

Nesse primeiro tempo, eminentemente sensorial, quando as vivências emocionais não podem ser postas em palavras nem sequer são representação de coisa e são eminentemente sensório-corporais, um primeiro processo originário de representação se inicia. Sobre ele refere: “[...] el concepto de ‘originário’: testigo de la perennidad de una actividad de representación que utiliza um pictograma que ignora la ‘imagem de palabra’ y posee como material exclusivo la ‘imagem de cosa corporal’.” (AULAGNIER, 1975, p. 16).

Esse tempo do Originário que precede o Processo Primário é considerado o momento To. Esse processo tem como função específica a metabolização de todas as experiências que são fonte de afeto e tem como condição a possibilidade de tornar os fenômenos responsáveis pela experiência caracteres de representabilidade.

Penso que estender-me um pouco mais no processo originário se faz necessário, por ser um dos conceitos inéditos da autora e talvez deter-me facilite o entendimento do que implica a temporalidade na obra de Piera Aulagnier.

Voltando então ao que é representável podemos dizer que é aquilo que se origina do saber mítico-científico, parte que não pode ser conhecido subjetivamente sobre as atividades do organismo, às vezes impensável e irrepresentável. Quando a fonte de representação é o corpo, o sujeito, conjunto da totalidade de instâncias presentes no espaço psíquico, não conhecerá nunca.

A autora nos diz que o que pensamos tem representação no espaço originário, mas as representações originárias são alijadas do espaço que compreende o primário – representação dos fenômenos figuráveis e do processo secundário – representação dos fenômenos pensáveis. No tempo do Originário o corpo da mãe é um provedor privilegiado de informações sensoriais. Possui propriedades de estimulação que geram informações e põe em atividade os órgãos dos sentidos do bebê.

Piera Aulagnier nos diz:

Se a representação do experimentado, resultante do primeiro encontro com o vivo, do primeiro encontro psique-mundo, é o ato que inaugura a vida psíquica, esse ato é indissociável de um movimento inaugural de investimento em benefício do encontrado. (AULAGNIER, 1986, p. 283).

No Encontro da mãe com o "*infans*" origina-se não só a justaposição fortuita entre o prazer gustativo – erogeneidade e a satisfação da necessidade alimentícia, no registro da sensibilidade há um encontro efetivo do objeto por um lado com a "espera do objeto" pelo outro. Nesse encontro é inaugurado um identificado fonte de prazer que dá garantias para a existência

e erige “pontos de certeza”, ou seja, um espaço garantido de vida para o *infans*. Assim, está garantida sua existência, ele poderá vir a ser um Ser. Já existe um *quantum* – “prima de prazer”, de satisfação que lhe permitirá tolerar a frustração e o sofrimento, que lhe possibilitará tolerar conflitos.

O efeito do Encontro viabiliza o processo identificatório entre T1 e T2, bem como cria na obra de Piera Aulagnier o conceito de potencialidade, que se estabiliza a partir de T2.

Por potencialidade podemos entender as formas de resposta e de defesa que o Ego disporá para enfrentar conflitos que podem surgir em diferentes pontos de sua trajetória. Engloba os "possíveis" do funcionamento do Ego e de suas posições identificatórias através do que chama os “possíveis relacionais” que serão ou não possíveis de serem identificados no tempo.

O processo identificatório, portanto se caracteriza pelos sucessivos encontros do ego com os dois identificantes móveis: o primeiro a ação identificante do próprio Ego e o segundo, o olhar e a palavra do Outro.

A primeira fase – T1 – se caracteriza pela solução dada pelo Ego ao conflito entre os dois aspectos já por ele identificados, seu prazer e seu sofrimento em To, quando crê na existência de um único identificado fonte de prazer e de conflito, que encontrado passa a ser fonte de investimento privilegiado. O conflito ou o prazer advirão sempre da imagem que esse outro investido enviará, a respeito de sua total dependência, sendo aceita ou rechaçada em maior ou menor grau. Aos olhos do *infans* há uma demanda do outro ao qual deve conformar-se, já que supõe haver identificado o que o outro espera encontrar em sua pessoa. Nesse momento começa a ter um primeiro conhecimento de si onde o que pode almejar ser é ser o objeto de desejo do outro.

A autora comenta que: “El Yo no es nada más que el saber de Yo sobre El Yo.” (AULAGNIER, 1975, p. 168). Quando coloca esse postulado define a idéia que o saber do Eu sobre o Eu, tem como meta assegurar um saber sobre o Eu futuro e sobre o futuro do Eu, garantia de um espaço para que o Eu possa advir submetido a prova da castração.

Aulagnier coloca ainda: “El yo deja durante cierto tiempo a outro la tarea de catectizar su próprio tiempo por venir, de operar esta segunda anticipación necesaria para sostener anhelos que llegan a dar sentido a la necesidad de cambiar, de tornarse outro, de tener otros deseos.” (AULAGNIER, 1978, p. 29).

Para que o Eu evolua no tempo deverá abrir mão da crença de um identificador único por já possuir um repertório de informações vindas dos outros e da realidade, bem como por já ter capacidade de decodificá-las, fica impossível não perceber a variedade de identificantes.

Não mais existe somente nos olhos da mãe, nem mais vive naquele momento em que os identificados e identificantes são oferecidos somente pela mãe como porta voz. Sua imagem agora é percebida nos olhos do pai, dos irmãos, dos avôs, nos amigos e que o fazem perceber que nenhum olhar pode pretender ser o único espelho.

É no conjunto de olhares desses outros por ele investidos que dará prosseguimento e a consolidação de sua construção identificatória quando deixará de ser o objeto do desejo de um outro para ser sujeito do próprio desejo.

Se tomarmos, portanto o conceito de temporalidade – qualidade do que é temporal ou provisório, capacidade de internidade, que é o ato ou efeito de internar, internalizar; e tomarmos também o conceito de história como período da existência de um indivíduo, seqüência de acontecimentos que marcaram um período, ou ainda narração que reconstitui o desenrolar dos acontecimentos da vida de um indivíduo através de fatos reais ou imaginários, poderemos verificar minha assertiva inicial de que toda a obra de Piera Aulagnier é perpassada pela história da temporalidade do sujeito. Que o Ego tem por tarefa príncipes transformar um tempo físico num tempo humano; que o Ego é um Historiador que tenta colocar em cena e colocar em sentido todo ato, toda a experiência e toda vivência, só podendo criar um mito do tempo de sua origem.

Coloca a autora que a teoria das pulsões teria uma função aproximada do mito das origens na medida em que teria como meta “[...] reatar o presente a esse tempo passado no qual está enraizado, a esse ponto de ancoragem sem o qual nenhuma história – de uma espécie, de uma cultura, de um indivíduo – poderia ser escrita.” (AULAGNIER, 1986, p. 292).

O *infans* ao nascer é, portanto um estranho em seu próprio corpo e deverá como um colonizador tornar habitável centímetro a centímetro seu espaço psíquico. Deverá conquistá-lo para não sentir-se um estrangeiro em sua própria pátria. Para isso dependerá do primitivo habitante, que deverá tornar-se um fantasma e que até mesmo poderá assombrá-lo, mas que lhe ensine a linguagem, a palavra de sua própria terra, que seja inicialmente seu porta voz, que o ensine a senti-la, a pensá-la e a querê-la, mas que após vá embora, permanecendo somente como uma marca à sombra da sombra falada. Sua luta não terminará aí, pois deverá estar atento para não ser colonizado por um estrangeiro e familiar ao mesmo tempo, que como invasor poderá usurpar o espaço conquistado e tornar-se ele o habitante de sua terra. Se isso acontecer não será proprietário nem senhor de si mesmo, mas escravo de uma demanda inicial, sem possibilidade de alforria, sem poder evoluir. Servirá sempre ao desejo do signatário, que não lhe dará outro

direito que não seja ser o desejo do outro. Isso será sempre uma violência, mas não mais primária, mas secundária.

### **El concepto de temporalidad en Piera Aulagnier**

#### **Resumen**

Este trabajo fue producido a partir de una invitación de participar de una mesa donde el tema propuesto era pensar el concepto de temporalidad en la obra de autores contemporáneos como Lacan e Maldavski, entre otros, cabiendo a mí pensarlo a partir de la obra de Piera Aulagnier na jornada “Temporalidad: la figura narcisista y la transmisión psíquica entre generaciones.” Partí de la idea de que la teoría da la autora en cuestión, es toda ella permeada por el concepto de temporalidad, ya que los tres procesos de constitución del aparato psíquico originario, primario y secundario son marcados por tiempos, donde el yo es un historiador que intenta buscar la ontogênese de um deseo que lo constituye, um tiempo anticipado y prévio a su propia existência. Los conceptos de pictograma, anticipación, violencia primaria, sombra hablada y proyecto identificatorio son abordados por a perspectiva de la temporalidad.

**Palabras clave:** Temporalidad. Anticipación. Originario. Violencia primaria. Sombra hablada.

#### **Abstract**

This paper was made after a meeting invitation where the theme was the conception of Temporality in contemporary authors such as Lacan and Maldavsky, among others. I was invited to explain this theme considering Piera Aulagnier’s theory. The theme - Temporality: “The Narcissistic Figure and the Psychic transmission between Generations” - was discussed in the Psychology Society of Rio Grande do Sul during a congress. My starting point was the author’s ideas, whose theory is based on Temporality, because the three processes of the Psychic apparatus’ constitution, the originary, primary and secondary processes have time as a guideline, where the SELF is a historian that tries to find the origin of a desire that constitutes an anticipated and previous time, which is existence in itself. The concepts of pictogram, Anticipation, Originary Violence, Talked Shadow, Identifying Project have been approached through the Temporality Perspective.

**Keywords:** Temporality. Originary. Originary Violence. Talked shadow.

#### **REFERÊNCIAS**

AULAGNIER, P. (1984). **El aprendiz de historiador y el maestro brujo**. Buenos Aires: Amorrortu, 1992.

\_\_\_\_\_. (1978). **Los destinos del placer**. Buenos Aires: Paidós, 1994.

\_\_\_\_\_. **Um intérprete em busca de sentido**. São Paulo: Escuta, 1986. v. 1.

\_\_\_\_\_. (1975). **La violència de la interpretación.** Buenos Aires: Amorrortu, 1983.

HORNSTEIN, L. **Proyecto terapêutico:** de Piera Aulagnier al psicoanálisis actual. Buenos Aires: Paidós, 2004.

Denise Martinez Souza  
End. Prof.: Dr. Florêncio Ygartua, 288/907 – Moinhos de Vento  
Fone Prof.: 33335700  
CEP: 90430-010 - Porto Alegre- RS  
E-mail: denisemsouza@terra.com.br